

Editorial Pachamama
- instalações pedagógicas caducas -

Dicionário das **in**dependências

junho de 2021

Este dicionário teve o seu miolo, qual cérebro-energia, criado por uma **Quintilha Ecofeminista** de mulheres.

A sua edição ficou a cabo da **Editorial Pachamama**

- *instalações pedagógicas caducas* -

que juntou mulheres e crianças.

Juntas formaram uma constelação criativa e questionadora

que deu corporeidade - finita, limitada e incompleta -

ao desejo de reconhecer e de reaprender

a nossa condição humana como \in Dependente.

A partir do momento que o Dicionário toca nas suas mãos
passará a ser co-construído consigo também.

Ele está incompleto. Inclua as suas reflexões.

Crie as suas entradas, os seus vocábulos e conceitos.

Ouse uma nova gramática e sintaxe.

Recupere também as suas \in Dependências.

QUINTILHA ECOFEMINISTA

Ana Leonor Santos

Eliana Madeira

Carolina Monteiro

Graça Rojão

Sara Borges

Vanessa Marcos

EDITORIAL PACHAMAMA

Carolina Monteiro

Isabel Lacerda

Rodrigo Alves

Sandra Fernandes

Sara Borges

Vasco Alves

Teresa Paiva Couceiro

Tiragem de 40 exemplares

Exemplar n°. | |

Criado e editado em junho de 2021

No âmbito do projeto Sinergias ED, para a Escola Comunitária 2021.

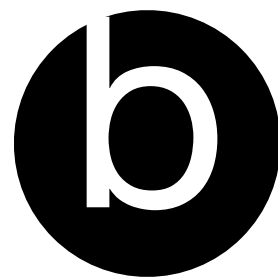
Saiba mais sobre o projeto em www.sinergiased.org

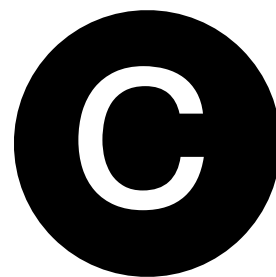
dependência s.f.

- 1.** estado de dependente; sujeição; subordinação;
- 2.** falta de autonomia, maturidade e independência;
- 3.** necessidade física e/ou psicológica de determinada substância ou atividade;
- 4. conexão; ligação próxima;**
- 5.** parte acessória;
- 6.** compartimento de uma casa;
- 7.** anexo de um edifício;
- 8.** (firma) filial;
- 9.** POLÍTICA colónia

(Do lat. *dependentia*, part. pres. neut. pl. *dependere*, “pender de”)







... CASA

"Dai-me a **casa** vazia e simples onde a luz é preciosa. Dai-me a beleza intensa e nua do que é frugal.

Quero comer devagar e gravemente como aquele que sabe o contorno carnudo e o peso grave das coisas.

Não quero possuir a terra mas ser um com ela. Não quero possuir nem dominar porque quero ser: esta é a necessidade.

Com veemência e fúria defendo a fidelidade ao estar terrestre. O mundo do ter perturba e paralisa e desvia em seus circuitos o estar, o viver, o ser.

Dai-me a claridade daquilo que é exactamente o necessário. Dai-me a limpeza de que não haja lucro. Que a vida seja limpa de todo o luxo e de todo o lixo.

Chegou o tempo da nova aliança com a vida”.

Sophia de Mello Breyner Andresen
Inédito sem data

“[...] a **casa** pertence ao *ajuntamento humano*. Tem fundações e janelas: as fundações e a cave ligam-na à terra, enquanto as janelas e a mansarda, ao céu. A casa une a terra e o céu. Mas o ajuntamento humano é, principalmente, abrigo.”

Josep Maria Esquirol (2020)

A Resistência Íntima - Ensaio de uma filosofia da Proximidade

“Começar pelo princípio, por uma imagem muito simples;
paredes quase nuas, brancas se possível,
paredes que fazem o esqueleto de uma casa
- sem mais nada para deste modo
se poderem tornar lugar de inscrição e de ordem.

Casa - aquela onde se nasce, casa do pai,
aquela onde se cresce e se aprende o afecto e a dor,
as artes de fazer e de cuidar,
que a mãe e as mulheres da casa lhe vão ensinar,
fazendo-se deste modo a aprendizagem
de uma casa feita de gestos, de ritos, de maneiras de fazer,
artes que mais tarde ela irá utilizar na casa do seu marido,
em que será mãe e transmitirá então esses saberes às suas filhas.

Saber transmitido de geração em geração,
saber que se diz num toque muito especial
no modo de dobrar um lençol, de criar um gosto,
de fazer um doce que tem, por vezes,
um sabor único e nunca repetível - o da infância”

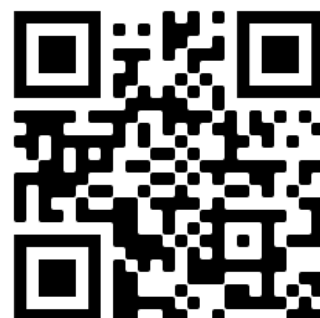
Teresa Joaquim (1997)

“Menina e Moça. A construção social da feminilidade”



*“Our **house** is on fire”, março de 2020
Uma performance multimedia dos jovens artistas iranianos Icy e Sot
inspirada no discurso de Greta Thunberg*

Veja o vídeo



... CORPO e território

“O **corpo** resiste aos tempos do mercado.
É preciso recuperar as memórias que marcam os corpos,
individual e coletivamente,
ouvir suas histórias, reaprender a ouvir o corpo.
Recuperar os tempos da vida
se relaciona com a reconexão com os processos do nosso corpo
sem a mediação do mercado capitalista,
desde o ato de ser consciente da respiração,
à percepção dos ritmos e sons da vida
nos ambientes em que vivemos,
a desalienação da nossa relação com os alimentos,
a superação da dualidade entre corpo e mente.”

Miriam Nobre e Renata Moreno (2020)

“Natureza, trabalho e corpo: percursos feministas e pistas para a ação”

... CUIDADO e CONDIÇÃO humana

“Nesse caminho, está o desafio de questionar e transformar a dinâmica da vida e as relações sociais que provocam sofrimentos e inadequações.

E, mais do que isso, reconstruir relações e comunidades em que caibam todos os corpos, respeitados em sua diversidade, singularidade e interdependência, **cuidados** em sua vulnerabilidade, que é **condição humana.**”

Miriam Nobre e Renata Moreno (2020)

“Natureza, trabalho e corpo: percursos feministas e pistas para a ação”

“É muito difícil para as pessoas, é difícil mesmo o reconhecimento igualitário do valor de todas as pessoas, de olhar para cada pessoa e ver alguém que tem recursos. mas também alguém que tem **vulnerabilidades** (...). É difícil para a maioria das pessoas dizerem: “Eu preciso disto”. Isto é mesmo uma coisa difícil, porque nós estamos mesmo muito acostumados a valorizar a auto-suficiência, o não se precisar de ninguém. Bom, bom é quando nós podemos, para resolver os nossos problemas, pagar a alguém para fazer por nós. E esta coisa de dizer ‘eu preciso’, ‘eu sinto falta’ é uma coisa que nos fragiliza muito”.

Eliana Madeira (2020)

“Esse trabalho feminizado de reprodução e **cuidados** é, no atual sistema de mercado capitalista, o pressuposto invisível das atividades produtivas. O rendimento de cuidado tem como objetivo reconhecer a centralidade desse trabalho e remunerar aqueles que, querendo ou não, realizam esse esforço material e psicológico dia após dia”

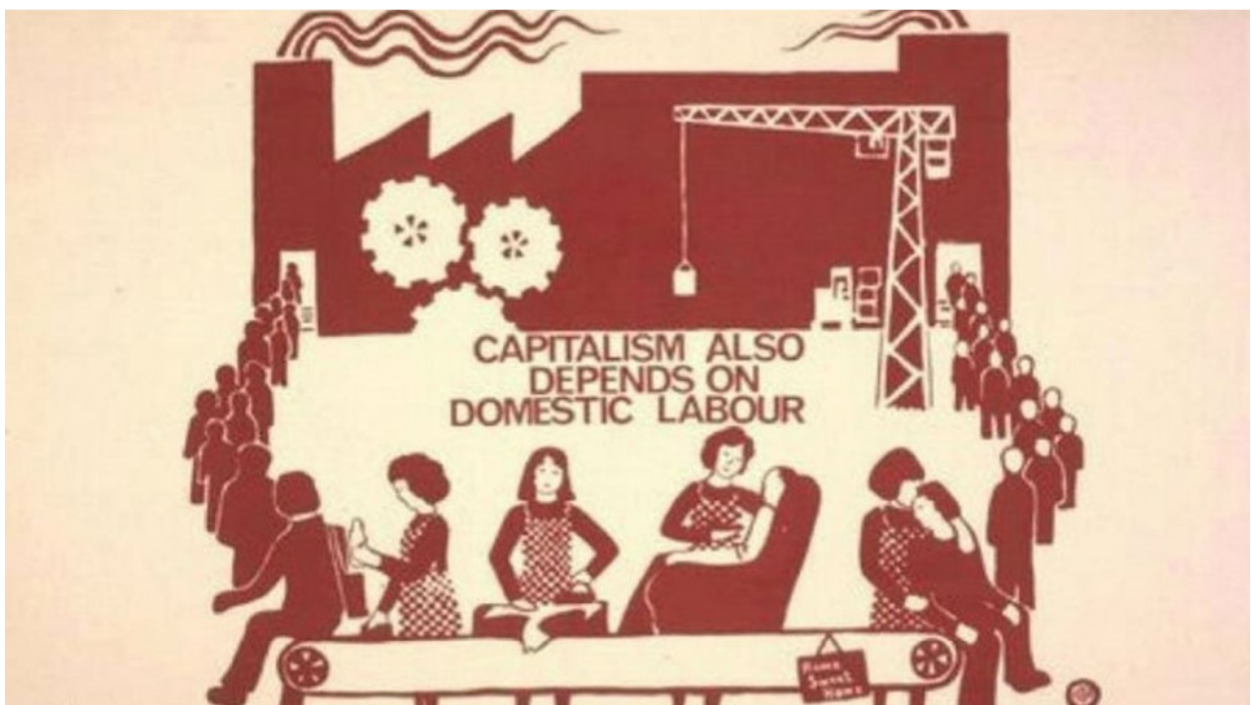
Giacomo D’Alisa, (2020)

“Enquanto mulheres de classe média no Primeiro Mundo estão construindo carreiras que são moldadas pelo velho modelo masculino, gastando muitas horas em empregos exigentes, suas babás e outras empregadas domésticas sofrem uma versão muito mais exagerada da mesma coisa. Duas mulheres trabalhando com remuneração não é uma má ideia. Mas duas mães trabalhadoras dando tudo para seu trabalho é uma boa ideia em curto-circuito. No fim, tanto as mulheres do Primeiro quanto do Terceiro Mundo são pequenas jogadoras num jogo econômico maior cujas regras elas não escreveram”.

Arlie Russell Hochschild (2017)
“Amor e ouro”

“ (...) A uma ética da justiça - em que se funda e a que se limita no seu melhor a democracia existente - há que justapor a ética do **cuidado**. Enquanto a ética da justiça constrói todo o edifício político sobre o ser humano como sede de direitos, a ética do cuidado toma em linha de conta a posição eminentemente realista de que o ser humano é também um ser de vulnerabilidades que, em numerosas situações, o impedem de se erguer e defender os seus direitos.

Comissão independente para a qualidade de vida
presidida por Maria de Lourdes Pintasilgo (2000)



“Os desafios que enfrentamos não estão relacionados à falta de informação ou estratégia, mas a um hábito colonial de ser. Como resposta, a cartografia centraliza o **trabalho invisibilizado da Terra** a nos oferecer **cuidado**, nossas responsabilidades de reciprocidade como parte integrante de seu metabolismo e o nosso dever de prestar contas às futuras gerações de seres humanos e não humanos.



A analogia do micélio é usada com referência ao papel dos fungos na decomposição, regeneração, comunicação e distribuição dos nutrientes dentro dos sistemas ecológicos. Essa analogia também é usada para expressar que a **justiça** ecológica e econômica (cogumelos) não são viáveis sem a justiça cognitiva, afetiva e relacional (micélio saudável). Nós trabalhamos com noções transformadoras e regeneradoras (ao invés de liberais/representativas) da justiça transformadora vindoura.”

Vanessa Andreotti, Sharon Stein, Rene Susa & coletivo de arte/educação (2019)
“Sinalizando rumo a futuros descoloniais”

“As vozes antigas, suponhamos, que ainda nos dizem que **somos filhos da terra** e que a mãe não se vende nem se aluga. Enquanto chovem pássaros mortos sobre a Cidade do México e os rios se transformam em cloacas, os mares em lixeiras e as selvas em desertos, essas vozes, teimosamente vivas, anunciam-nos outro mundo que não é este mundo envenenador da água, do solo, do ar e da alma”

Eduardo Galeano (2018)
“O Livro dos Abraços”

“Elegy for the Arctic”

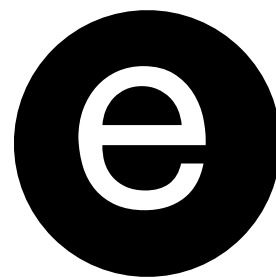
Uma performance original de Ludovico Einaudi, realizada no oceano ártico em parceria com a GreenPeace, como forma de sensibilizar para o aquecimento climático e para o degelo das calotas polares.

17 de junho de 2016

Veja o vídeo







... ECOLOGIA

"Mais do que nunca a **natureza** não pode ser separada da cultura (...). Tanto quanto algas mutantes e monstruosas invadem as águas de Veneza, as telas de televisão estão saturadas de uma população de imagens e de enunciados "degenerados". Uma outra espécie de alga, desta vez relativa à ecologia social, consiste nessa liberdade de proliferação que é consentida a homens como Donald Trump que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City etc, para "renová-los", aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres, cuja maior parte é condenada a se tornar homeless, o equivalente dos peixes mortos da **ecologia** ambiental."

Félix Guattari (1989)
"Les trois écologies"

"Até que ponto as sociedades estão dispostas a assumir os riscos ao forçar essas mudanças na auto-organização da natureza? Esta é uma questão que está muito vinculada às visões hegemónicas do poder político e do poder económico, dispostos a quase tudo pelo objetivo de gerar lucro. Ela também está relacionada com o analfabetismo **ecológico** da maioria da sociedade, que interiorizou mentalmente uma noção inviável de progresso, de bem-estar ou de riqueza totalmente funcional para a sustentação do sistema dominante."

Yayo Herrero (2020)
: 20)

You do not have to be good.
You do not have to walk on your knees
for a hundred miles through the desert repenting.
You only have to let the soft animal of your body
love what it loves.
Tell me about despair, yours, and I will tell you mine.
Meanwhile the world goes on.
Meanwhile the sun and the clear pebbles of the rain
are moving across the landscapes,
over the prairies and the deep trees,
the mountains and the rivers.
Meanwhile the wild geese, high in the clean blue air,
are heading home again.
Whoever you are, no matter how lonely,
the world offers itself to your imagination,
calls to you like the wild geese, harsh and exciting -
over and over announcing your place
in **the family of things**.

Mary Oliver (1986)
"Wild Geese"

Oiça o poema



“A Amazônia continua a ser destruída a um ritmo vertiginoso: todos os anos desaparece uma área equivalente à superfície da Sicília. Com uma rapidez desenfreada, é devastada uma massa florestal importantíssima, não só para quem habita na região amazônica, mas para o **equilíbrio ecológico** de todo o planeta.

E porquê que isto acontece? Porque a ditadura invisível sob cujo jugo sofremos todos, a ditadura do mercado não obedece a ética, não tem moral, não possui um código de comportamento, não responde a nenhuma instituição.

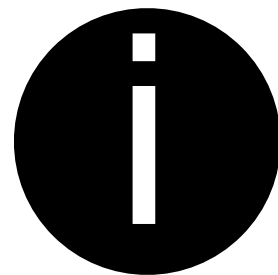
O mercado trabalha sozinho, é onnipotente, onnipresente. O grande responsável da devastação económica do meio natural é a ambição do mercado, a prepotência desta forma de ditadura (...) São empresas que têm apenas um nome, um lugar, uma marca, mas não têm rosto. Ninguém se recorda verdadeiramente como se chama o administrador-delegado, os os dez diretores mais importantes, onde moram, quantos anos têm. É no absoluto anonimato, na absoluta impunidade que continuam o seu trabalho de destruição do elemento natural à escala planetária”.

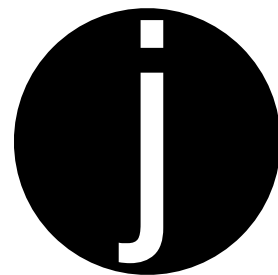
L. Sepúlveda & C. Petrini (2014)
“Uma ideia de felicidade”

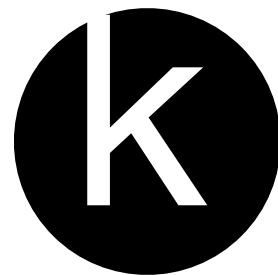


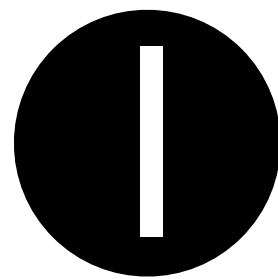






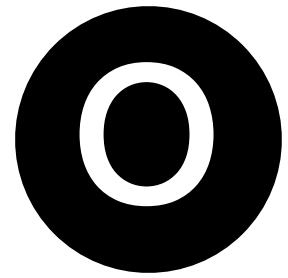












... ONE WELFARE ... BEM-ESTAR ÚNICO

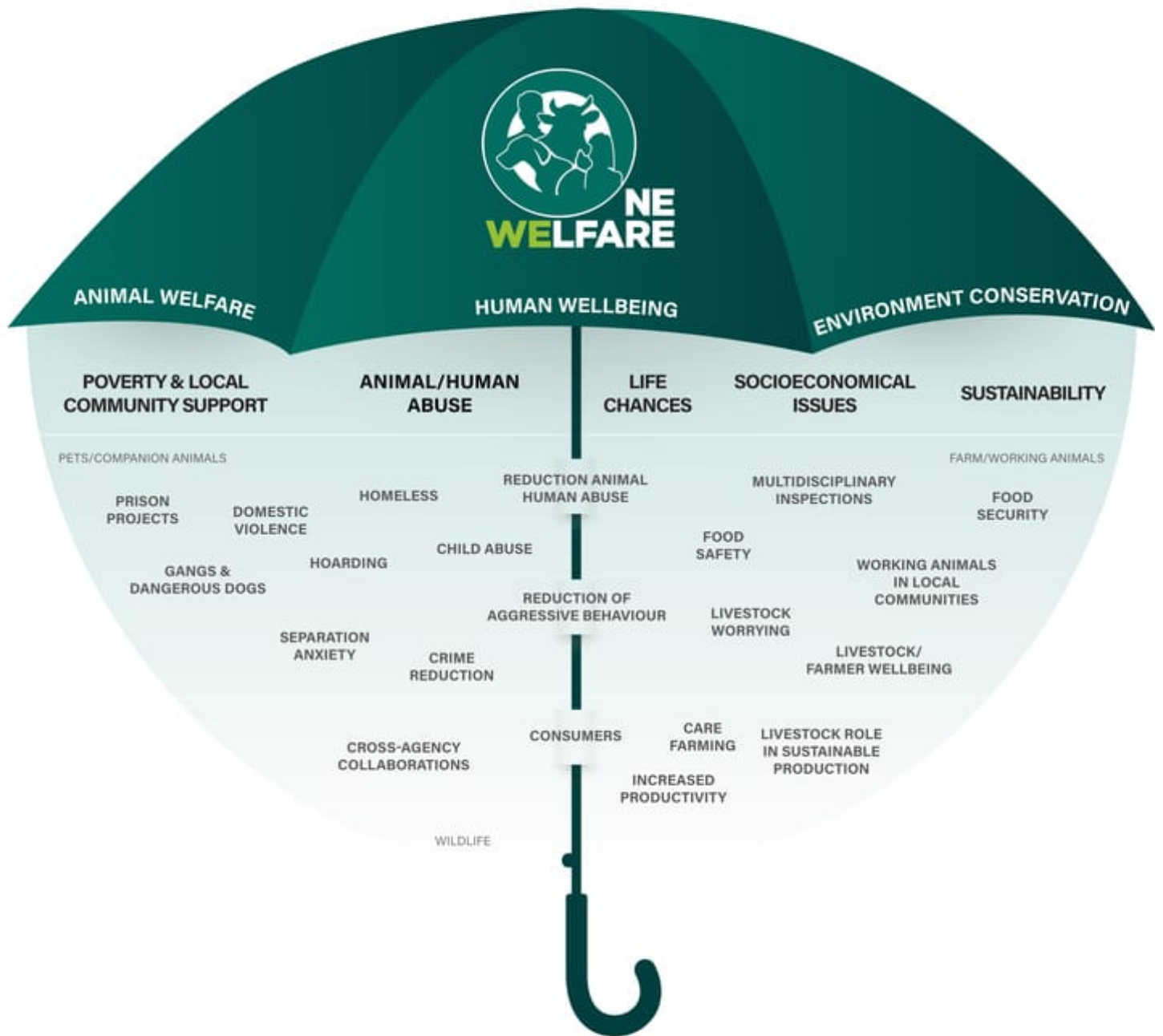
Como conceito, o **Bem-Estar** único foi desenvolvido a partir do mundo veterinário, com o objetivo de gerar motivação e conscientização para um trabalho mais colaborativo entre os seres humanos na busca de um bem-estar global, que inclua a ética animal e também o ambiente/natureza, percebendo a nossa eco-dependência.

Dentro deste conceito, é essencial perceber de que forma estamos conectados/as com o ambiente que nos rodeia e perceber que a nossa escolha terá sempre consequências.

O conceito de Educação Humana pretende juntar o Bem-Estar Único a outros tipos de Educação para, nomeadamente noções de cidadania global, direitos humanos, justiça social e educação ambiental.

É promovido o respeito, empatia e compaixão por todos pertencentes ao mundo vivo e a interdependência que existe entre todos os seres e ambientes. Foca-se nas competências críticas, relacionadas com ética, direitos, questionamentos e necessidades; criatividade; cuidado; curiosidade, empatia e compaixão.

Magdalena Smrdelj, Amanda McKibbon, Alyse Patterson, Elizabeth Davis (2021)
"We are all connected: one welfare and humane education in building capacity and fostering empathy in our future leaders"





... relações de PODER

Uma possível filosofia da Educação Emancipatória e Transformadora, na perspectiva de Gina Thésée, que passa por Descartes e filosofias de Ubuntu, Buen-Vivir e Pachamama.

“Eu penso, logo existo”

“Eu existo, porque tu existes”

“Eu existo, porque nós existimos, juntas/os”

“Eu existo, porque nós existimos, juntas/os,
filhas/os de “Gaia” (Terra)”

“Até que os leões tenham os seus próprios historiadores,
as histórias das caçadas continuarão a glorificar o caçador”

Provérbio africano



Tamires Nobre, 2016



“O **crescimento** nos países do Norte — e amiúde também nos do Sul — facilita o assentamento dum modo de vida escravo que faz pensar que quantas mais horas se trabalharem, mais dinheiro se ganhar e, especialmente, mais bens se consumirem, maior será a felicidade”

C. Taibo (2011)
“*Decrescimento, crise e capitalismo*”

“Quer seja visto como progresso, crescimento ou modernização, o desenvolvimento, pelo menos na sua configuração hegemónica, é amparado por um olhar evolucionista sobre a história, no qual prevalece a ideia da superioridade da economia e da cultura ocidentais. Por conseguinte, a mudança só tem uma única direção possível: do atraso para o **desenvolvimento**, isto é, do dito primitivo, arcaico e tradicional para o alegadamente moderno, capitalista e desenvolvido.”

Fernando Bessa Ribeiro (2015)

“Outros caminhos da teoria. Do desenvolvimento sustentável ao decrescimento”



“O trabalho realizado nos lares converteu-se, assim, na ligação entre o âmbito doméstico e a produção capitalista, ligação que deve permanecer **oculta** para, por um lado, facilitar o espólio do trabalho não-assalariado pelo capital, por outro, tornar possíveis formas muito desiguais de distribuição de renda, da riqueza e do tempo de trabalho de acordo com o sexo/género”

Cristina Carrasco (2018)

“A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução”





... RESISTÊNCIA

“...en el contexto de las actuales **resistencias** al extractivismo, el lenguaje de valoración de las mujeres enmarcado en la cultura del cuidado tiende a expresar un ethos procomunal potencialmente radical, que concibe las relaciones sociales desde otra lógica y otra racionalidad, cuestionando el hecho capitalista desde el reconocimiento de la ecodependencia y la valoración del trabajo de reproducción de lo social”

Maristella Svampa (2015)
“Feminismos del Sur y Ecofeminismo”

“Es tarde
pero es nuestra hora.
Es tarde
pero es todo el tiempo
que tenemos a mano
para hacer el futuro.
Es tarde
pero somos nosotros
esta hora tardía.
Es tarde
pero es madrugada
si insistimos un poco.”

Pedro Casaldáliga (1982)
“Cuia de Gedeão”

“A lógica do lucro acima da vida é muito debatida e criticada pela economia feminista. Esta crítica nos orienta em ações de **resistência** frente aos projetos de dominação. Na prática, significa que precisamos falar e dar mais visibilidade para o que move o centro da vida. Precisamos debater as condições necessárias para viver de maneira livre, mais igualitária e saudável. Parte da construção da autonomia sobre a vida nos territórios é pensar como limitar mais a atuação do poder corporativo, fortalecendo as lutas populares e as práticas de resistências, com as iniciativas que já se mostram como possíveis caminhos: na solidariedade que reconstrói e reforça os laços da vida comunitária, na autogestão da vida em comum, na aliança com os movimentos sociais por direitos, trabalho digno, moradia, terra, e na promoção dos modos de vida dos povos e da agroecologia.”

Sheyla Saori (2020)

“Economia verde e a financeirização da natureza e no vale do ribeira: as respostas das comunidades e das mulheres para as mudanças climáticas”



“Muitos movimentos anticapitalistas têm sido muitas vezes racistas e sexistas, movimentos anti-racistas têm sido frequentemente pró-capitalistas e sexistas e movimentos feministas têm sido muitas vezes pró-capitalistas e racistas. Enquanto a dominação agir articuladamente e a resistência a ela agir fragmentadamente, dificilmente deixaremos de viver em sociedades capitalistas, colonialistas e homofóbicas-patriarcais”

Boaventura Sousa Santos (2019)
“Descolonizar o saber e o poder”

“O capitalismo cria continuamente hierarquias, formas diferentes de escravização e desigualdades. Então, não se pode pensar que sobre esta base se possa melhorar a vida da maioria das mulheres, nem dos homens.

O feminismo não é somente melhorar a situação das mulheres, é criar um mundo sem desigualdade, sem a exploração do trabalho humano que, no caso das mulheres, se transforma numa dupla exploração”.

S. Federici (2019)
“Entrevista a Moraleda”

“Temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza, temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.”

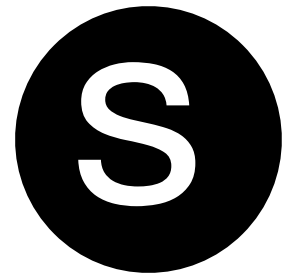
Boaventura Sousa Santos (2016)
“Para uma nova visão da Europa: aprender com o Sul”

“**Denunciamos** a violência e a opressão que as crises deste modelo capitalista, heteropatriarcal, racista e destruidor da natureza provoca nas nossas vidas.

A pandemia da covid 19 revelou as desigualdades e armadilhas deste sistema que, ao aprofundar o neoliberalismo, precariza cada vez mais a vida das mulheres, dos povos e do planeta.

[...] A urgência em defender a vida trouxe à tona o que há muito tempo exigimos: a ruptura com este sistema é urgente!”

Marcha Mundial de Mulheres, 8 de Março de 2021
“*Declaração internacional da Marcha Mundial das Mulheres*”



... SISTEMA(S) e olhar sistémico

“É necessário abolir os **modelos económicos** machistas, o produtivismo, o extractivismo, o crescimento do PIB, a guerra, o racismo, o imperialismo, o colonialismo e tudo o que produz violência contra as pessoas e o seu ambiente. Há que os substituir por um **novo sistema de produção e de reprodução** baseado não apenas na igualdade, como também no respeito pela vida em todas as suas formas. Não há outra forma de fazer uma revolução ecológica”.

Stefania Barca (2016)

“Trabajo e cambio climático: Qué espacio hay para la investigación en ecología política?”

«Não haverá verdadeira **resposta à crise ecológica** a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.

Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.»

Félix Guattari (1989)

“Les trois écologies”

“Há inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os **saberes** separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários”

Edgar Morin (2003)

“A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”

“A humanidade enfrenta não só uma **crise** ambiental, económica, social, política, institucional ou civilizatória. Todas estas crises são parte de um todo. É impossível resolver uma destas crises sem abordar as outras no seu conjunto”

P. Sólon (2017)

“Buen Vivir”

“Estão a ser minadas as capacidades das sociedades para reproduzirem as bases materiais e culturais que permitem cobrir as necessidades individuais e colectivas de maneira adequada”

Fórum Social Mundial das Economias Transformadoras de 2020

“Fazer mais do mesmo, ainda que melhor, não é suficiente. O caminho a seguir não se limita a tornar as empresas multinacionais mais transparentes ou as burocracias reguladoras fortes, também não é uma questão de reconhecimento da **cidadania** plena de ‘pessoas de cor’, dos ‘idosos’, dos deficientes, das mulheres ou das pessoas ‘queer’ segundo políticas pluralistas.”

A. Kothari et al. (2019)

“Pluriverso - un diccionario del posdesarrollo”

«Trata-se de uma provocação acerca do egoísmo: eu não vou salvar-me sozinho de nada, estamos todos enrascados. E, quando percebo sozinho que não faço a diferença, abro-me para outras perspectivas. É desta afectação pelos outros que pode sair uma **outra compreensão sobre a vida na Terra**.

Quando ainda vivemos a cultura de um povo que não perdeu a memória de fazer parte da Natureza, quando somos herdeiros disso, não precisamos de ir resgatá-la. No entanto, se passámos pela experiência urbana intensa de nos tornarmos consumidores do planeta, a dificuldade em fazer o caminho de regresso deve ser muito maior. Por isso, acho que seria irresponsável dizer às pessoas que, se economizarmos água ou só comermos comida orgânica e andarmos de bicicleta, vamos diminuir a velocidade a que estamos a comer o mundo – isso é apenas uma mentira bem embalada.»

A. Krenak (2020)
“A vida não é útil”

“A cultura ocidental, imposta violentamente ao resto do mundo, apresenta um importante defeito de origem: ter suposto que a nossa espécie, a sua cultura, **era superior e estava separada do resto do mundo vivo**. Contrariamente ao que continuam a defender os povos originários, acreditámos que as pessoas podiam viver acima dos limites da natureza e à margem da vulnerabilidade que comporta ter corpos contingentes e finitos”

Yayo Herrero (2017)
“Cooperar y cuidar de lo común para sobrevivir. *Rebeldías en común: sobre comunales, nuevos comunes y economías colaborativas*”

“Como uma vida pode ser boa numa sociedade pós-fóssil?
Como construir vidas seguras em meio a uma emergência climática irreversível?
Como torná-las viáveis para todas as pessoas e não à custa dos mais vulneráveis?
Como introduzir nelas os animais não humanos e o restante do mundo vivo?
Como comer, habitar, consumir, cuidar, se divertir e **se relacionar de forma justa** em um mundo no qual a diminuição da esfera material da economia não é uma opção ética, mas simplesmente um fato?

Como abordar este caminho em sociedades nas quais a precariedade não é uma anomalia, mas, antes de tudo, **uma situação estrutural**?

Como defender da ganância os espaços que estamos construindo, do ataque feroz daqueles que sacrificam tudo para ganhar dinheiro?

O problema é material, mas, sobretudo, é político e cultural.”

Yayo Herrero (2020)

“A vida em situação de guerra: coronavírus e a crise ecológica e social”

“Dentro de los derechos de la **Madre Tierra** existen debates y discusiones que avivan la construcción de la propuesta. Por ejemplo, los derechos de la Madre Tierra y los derechos de la naturaleza no son exactamente lo mismo. La Madre Tierra es el “todo”, mientras que la naturaleza es una parte del “todo”.

Los derechos de la naturaleza buscan el reconocimiento de derechos para los componentes no humanos del sistema de la Tierra. En cambio, los derechos de la Madre Tierra aspiran a crear un nuevo régimen de derechos para todos y “todo”, donde obviamente haya diferencias según las características de cada uno de los componentes del **sistema de la Tierra**, pero dónde la separación ser humano-naturaleza empiece a ser superada para salir del antropocentrismo.”

P. Sólon (2017)
“*Buen Vivir*”

“O **Decrescimento** é sobre descolonização, tanto das terras e populações como das nossas mentes. É sobre a “des-comodificação” de bens e “des-intensificação” do trabalho e da vida. É sobre a “des-objetificação” de Humanos e da Natureza. O Decrescimento começa o processo de tirar menos, mas, no fim, abre uma imensidão de possibilidades. Move-se da escassez à abundância, da extração à regeneração, do domínio à reciprocidade, e da solidão e separação à conexão com um mundo, que ferve de vida.”

Jason Hickel (2020)
“*Menos é mais: como o decrescimento salvará o mundo*”

Veja o documentário

“Fairytale of Growth”

Um documentário de 2020 sobre Alterações Climáticas, Decrescimento e Mudança Sistémica.

Com a participação de Jason Hickel, LaDonna Brave Bull Allard, Wendy Harcourt, Giorgos Kallis, Marta Conde, Alnoor Ladha, Filka Sekulova, Federico Demaria, Rupert Read, Tokata Iron Eyes, Maria Marcet e Greta Thunberg.

Duração: cerca de 47 minutos

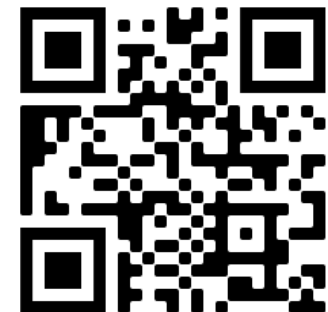


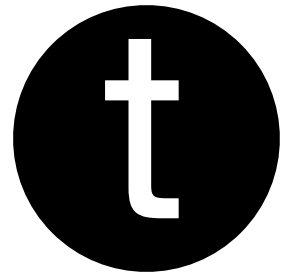
“Planet of the Humans”

Um documentário de Michael Moore, dirigido por Jeff Gibbs, sobre os impactos das alterações climáticas e do nosso papel enquanto humanidade nessas alterações.

Duração: 1h 39m

Veja o documentário





... TERRITÓRIO

“Politizar os corpos como **territórios** a serem defendidos é enfrentar a lógica dicotômica do pensamento ocidental, androcêntrico e branco, que separa a mente do corpo. Superar essa dualidade passa pela afirmação de que somos inteiras, com emoções, razões, carne e osso, sem fragmentar nossa existência. Somos resultados da coevolução entre práticas históricas de muitas gerações e povos, da natureza e de territórios concretos.”

Miriam Nobre e Renata Moreno (2020)

“Natureza, trabalho e corpo: percursos feministas e pistas para a ação”



**“Conversa com Lorena Cabnal:
Territorio-Cuerpo e Territorio-Tierra”**

Uma conversa com uma ativista pertencente à Red de sanadoras ancestrales del feminismo comunitario en Guatemala.

Realizada em 2016.

Duração: cerca de 9 minutos

Veja a conversa



**“Rita Segato | Cuerpo, territorios y soberanía:
violencia contra las mujeres”**

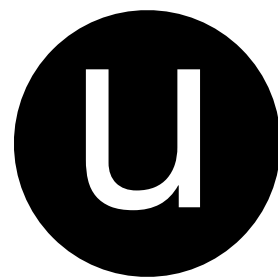
Uma conversa com a intelectual feminista argentina Rita Segato, promovida pela Universidade da Costa Rica.

Realizada em 2017.

Duração: cerca de 26 minutos

Veja a conversa







... o que sustenta a VIDA

“Não é possível pensar a sustentabilidade da **vida** humana sem pensar numa vida em harmonia com a natureza, ou seja, que respeite seus processos”

N. Faria e Marcha Mundial de Mulheres (2020)

“Economia Feminista: A sustentabilidade da vida como eixo central dos movimentos sociais perante a crise da covid-19”



O conflito entre o capital e a **vida** “é agravado pela negação por parte do sistema capitalista da vulnerabilidade dos seres humanos. Somos interdependentes, uma vez que precisamos do cuidado das outras pessoas. E somos ecodependentes, porque para respirar, comer, beber, habitar e, em última análise, viver, dependemos da natureza”.

M. Atienza et al. (2019)

“Guía de análisis de prácticas de corresponsabilidad en la economía social y solidaria”

“Outro dia fiz um comentário público sobre a ideia de que a **sustentabilidade** era uma vaidade pessoal, e isso irritou muitas pessoas. Acusaram-me de estar a fazer uma afirmação que desorganizava uma série de iniciativas que tinham como propósito educar as pessoas sobre o gasto excessivo de tudo. Eu concordo que precisamos de nos educar sobre isso, mas não é inventando o mito da sustentabilidade que vamos avançar”.

A. Krenak (2020)

“A vida não é útil”

Temos que “ [...] reduzir a pressão sobre a natureza e, portanto, assumir **estilos de vida** globalmente mais austeros no lado material. Num planeta com limites já ultrapassados, a redução da esfera material da economia global não é tanto uma opção quanto um dado”.

Yayo Herrero (2017)

“Cooperar y cuidar de lo común para sobrevivir. Rebeldías en común: sobre comunales, nuevos comunes y economías colaborativas”

“O conceito de sustentabilidade da vida é complexo devido às múltiplas dimensões que implica, mas na minha opinião, apresenta vantagens em relação ao de reprodução social. É mais explícito porque considera que **o objetivo é a vida** (humana e não só humana apenas), permite de forma mais clara dar conta da relação profunda entre o econômico e o social, considera as múltiplas interdependências e interrelações entre o ecológico, o econômico, o social, o humano, concebendo como prioridade, como objetivo fundamental, as condições de vida das pessoas, mulheres e homens e, explicitamente, é uma aposta política para transformar as relações de poder capitalistas heteropatriarcais. Ocultar as relações de interdependência relacional só conduz a uma sustentabilidade impossível.”

Cristina Carrasco (2018)

“A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução”

“Vale a pena nos determos um pouco para analisar isso, porque estamos diante do dilema crucial da nossa crise civilizatória: a economia convencional está em guerra **contra a vida**. Quando a economia vai bem, a vida corre perigo; quando entra em crise, recrudescem os processos de expropriação, mas é também neste momento que temos que aproveitar para respirar.

Ou, dito de outra forma: para ela, quanto pior, melhor. Quanto mais rápido são destruídas e colocadas em risco as bases materiais que sustentam a vida, mais saudáveis estão as economias.”

Yayo Herrero (2020)

“A vida em situação de guerra: coronavírus e a crise ecológica e social”

“Interdependencia, cuidados y resiliencia comunitaria: ecofeminismo más que nunca”

Uma palestra online realizada no dia 28 de abril de 2020 por Yayo Herrero a convite dos Ecologistas en Acción de Espanha.

Duração: 1h 36m

Oiça a palestra



“Pandemia e Cuidados”

Uma palestra online realizada no dia 14 de maio de 2021 por Cristina Carrasco a convite do InstitutoEquit.

Duração: cerca de 6m

Oiça a palestra







